



SINTAGMAS NOMINAIS NO KAIOWÁ (TUPÍ-GUARANÍ): EXPRESSÃO DE NÚMERO E (IN)DEFINITUDE

DAIANE RAMIRES*

HELENA GUERRA VICENTE**

RESUMO

Neste *squib*, identificamos contextos definidos e indefinidos no Kaiowá (Tupí-Guaraní), uma língua de nominais nus. Ao mesmo tempo, enfocamos a marcação nominal opcional de número, expressa pela adição, em posição pós-nominal, de *-kuera*, um elemento que, conforme defendemos, é um morfema de número. Com base no exame de dados inéditos, demonstramos a alta produtividade desse morfema no Kaiowá, argumentando que sua ocorrência não se restringe a contextos definidos, sendo frequente também em contextos indefinidos, genéricos e com nomes que denotam espécie.

Palavras-chave: número, plural, definitude, indefinitude, Kaiowá, *-kuera*

ABSTRACT

In this *squib*, we identify definite and indefinite contexts in Kaiowá (Tupí-Guaraní), a bare nominal language. At the same time, we focus on the optional nominal number marking present in the language, expressed by the attachment, in post-nominal position, of *-kuera*, an element which, we claim, is a number morpheme. With the support of original data, we argue that this morpheme is highly productive in Kaiowá and that its occurrence is not restricted to definite contexts, also being productive in indefinite and generic contexts, as well as with kind denoting nouns.

Keywords: number, plural, definiteness, indefiniteness, Kaiowá, *-kuera*

* Universidade de Brasília, UnB. O presente trabalho deriva de questões levantadas durante o mestrado desta autora, parcialmente financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (2018-2019).

** Universidade de Brasília, UnB. O presente trabalho foi realizado com apoio parcial da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001 (2018-2019). Gostaríamos de agradecer os comentários dos participantes do NaP2019 Number and Plurality: crosslinguistic variation in the nominal domain (Georg-August-Universität Göttingen), do III Colóquio de Semântica Referencial (UFSCar) e do VII Congresso Internacional de Estudos Linguísticos (UnB). Agradecemos também os comentários de dois pareceristas anônimos. Eventuais erros são de nossa inteira responsabilidade.

1 INTRODUÇÃO

O Kaiowá, uma língua do subgrupo I da família Tupí-Guaraní, tronco Tupí (RODRIGUES, 1985), é falada por aproximadamente 30,000 pessoas no sul do estado de Mato Grosso do Sul e em partes do Paraguai.¹ Os falantes dessa língua ainda a adquirem como língua materna e, de acordo com Mejia (2017), citando dados da Unesco, apesar de não se encontrar em processo de extinção, é considerada uma língua em estado vulnerável.

Em relação à estrutura de seus sintagmas nominais, o Kaiowá é uma língua de *nominais nus*, em que inexistem artigos definidos ou indefinidos.^{2,3} Semanticamente, a literatura sobre o tema costuma descrever esse tipo de língua como “neutra” (cf. Müller et al. (2006), sobre o Karitiana) ou “ambígua” (cf. Dayal (2004), sobre o hindi, o chinês e o russo) em relação à expressão da (in)definitude. Outra característica importante do sintagma nominal do Kaiowá diz respeito à distinção singular/plural. A forma básica do substantivo, desprovida de marcas flexionais, pode, a depender do contexto e da vontade do falante, expressar tanto singular quanto plural, sendo, portanto, “neutra” ou “ambígua” também para número. Sendo assim, uma oração como (1) pode ser traduzida de quatro maneiras diferentes:⁴

- (1) *Che a-hecha kuatia haipyre yvy-pe.*
 1sg 1-ver papel.escrito.por.alguém chão-POSP
 'Eu vi um livro no chão.'
 'Eu vi o livro no chão.'
 'Eu vi livros no chão.'
 'Eu vi os livros no chão.'

O Kaiowá se aproxima de outras línguas com *nominais nus*, como o hindi e o russo (cf. DAYAL, 2004), por exemplo, pelo fato de apresentar marcação nominal de número: *-kuera*, presente também, com algumas variações, em outras línguas Tupí-Guaraní (e.g. *-(k)éra* e

1 Adotamos a convenção da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) concernente aos nomes das línguas indígenas brasileiras, que devem ser grafados com a inicial maiúscula. Para outras línguas, mantemos a inicial minúscula.

2 É preciso observar, contudo, que nem toda língua que permite construções com *nominais nus* é uma língua de *nominais nus*. O português brasileiro, por exemplo, é uma língua que, apesar de possuir o artigo definido e o indefinido, também permite construções com *nominais nus*, tanto no plural quanto no singular (MÜLLER, 2002; MÜLLER; OLIVEIRA, 2004; PIRES DE OLIVEIRA; ROTHSTEIN, 2011; CYRINO; ESPINAL, 2015; FERREIRA, no prelo, entre outros). Para uma categorização tipológica das línguas no que se refere à existência ou não de artigos (in)definidos, remetemos o leitor ao mapa no capítulo 38 (DRYER, 2013), do *The World Atlas of Language Structures Online* (ver a referência completa ao final deste *squib*).

3 A título de informação, cabe dizer que, à semelhança do português, canonicamente, no Kaiowá: (i) os pronomes demonstrativos e quantificadores nominais aparecem antes do substantivo e (ii) adjetivos aparecem depois do substantivo. Entretanto, ao contrário do português, o Kaiowá não possui preposições, apenas posposições, como se verá nas glosas dos dados apresentados ao longo do trabalho.

4 Lista de abreviaturas: 1= prefixo de primeira pessoa do singular/plural; 1sg = primeira pessoa do singular; 3 = prefixo de terceira pessoa do singular/plural; CIRC = circunstancial; COMP = comparativo; INDEF = indefinido; NEG = negação; NRL = numeral; PAS = passado; PL = pluralizador; POSP = posposição; TOTAL = totalitivo.

-(k)wera no Guajá e no Tapirapé, respectivamente, ilustrados na nota de rodapé (6) deste *squib*). No entanto, no Kaiowá, ao contrário do que ocorre no hindi e no russo, esse morfema é optativo. Sendo assim, *-kuera* também *pode* estar afixado a nomes, mas, *quando ocorre*, corresponde necessariamente às leituras de plural:

- (2) *Che a-hecha kuation haipyre -kuera yvy-pe.*
 1SG 1-ver papel.escrito.por.alguém -PL chão-POSP
 'Eu vi livros no chão.'
 'Eu vi os livros no chão.'

Esse elemento tem sido classificado de diferentes maneiras na literatura. Cardoso (2008, p. 41), por exemplo, classifica-o como uma “partícula pluralizadora”; Dietrich (2011, p. 13-14), como um “sufixo pluralizador” ou “morfema facultativo para marcar o plural”; Viegas (2017, p. 45), como um “morfema coletivizador”; Carvalho (2017, p. 29) e Mejia (2017, p. 78), simplesmente como um “coletivo”. Como se vê, há controvérsia quanto a seu *status* morfossintático — se se trata de um morfema ou partícula — e quanto a seu *status* semântico — se se trata de um marcador de plural ou de um coletivizador. À guisa de exposição, e com base na observação preliminar de alguns critérios, que listamos a seguir, optamos por classificar esse elemento como um morfema:

- (3) *Nossa hipótese: -kuera é um morfema, e não uma partícula*
 a. *-kuera* tem posição fixa: quando ocorre, afixa-se sempre em posição pós-nominal.
 b. *-kuera* apresenta alomorfia: quando ocorre após sons nasais, pode ser pronunciado como *-guera*.

A literatura sobre partículas (mas ainda pairam muitas dúvidas sobre a real natureza desses elementos), de um modo geral, descreve esses elementos como exibindo maior autonomia semântica, morfossintática e fonológica que os morfemas, sendo que estes últimos se apresentam de forma mais dependente dos elementos que modificam.⁵ Assim, em função de *-kuera* se comportar como uma forma presa, dependente do item lexical — sempre um nominal — que o antecede, passaremos a chamá-lo, daqui por diante, de “morfema de número”.⁶ No entanto, adiamos para trabalhos futuros a formulação de uma hipótese para o *status* semântico desse elemento — se pluralizador ou coletivizador.

⁵ Uma empreitada inédita e bem atual, reunindo trabalhos exclusivamente dedicados ao estudo de partículas em línguas indígenas, é a obra organizada por Magalhães e Silva (2019).

⁶ Magalhães (2008, p. 148) e Praça (2007, p. 61), analisando o Guajá (Tupí-Guaraní) e o Tapirapé (Tupí-Guaraní), respectivamente, chegam a conclusões semelhantes: a de que esses elementos opcionais, glosados, respectivamente, como COL (coletivo) e GRUP (agrupador), devem ser considerados morfemas, tendo em vista terem uma posição pós-nominal fixa e apresentarem alomorfia, como se observa nos dados abaixo, em negrito (note-se que enquanto a primeira autora optou por traduzir a estrutura em questão como “um grupo de X”, a segunda optou pelo uso da morfologia de plural no português):

Cumpra chamar a atenção do leitor para o fato de que analisar uma língua como “neutra/ambígua para definitude” ou “neutra/ambígua para número” não equivale a argumentar que essas línguas não expressam (in)definitude e/ou singularidade/pluralidade. De um ponto de vista universalista, abordagem na qual embasamos nosso trabalho, se um significado pode ser expresso em uma língua, então ele poderá ser expresso em qualquer outra, ainda que para isso seja preciso lançar mão de estratégias distintas ou mais complexas que as da língua que se toma por referência (VON FINTEL; MATTHEWSON, 2008).⁷ Essa é também a posição de Chomsky (2004 [2001]), que defende a uniformidade dos componentes semântico e sintático; a variação translinguística, de acordo com o autor, está restrita ao léxico e ao componente fonológico da gramática do falante.

Assim, tendo em vista a ambiguidade/neutralidade relacionada à expressão de número e (in)definitude da forma básica, não flexionada dos nomes, o leque de estratégias utilizadas pelo falante varia entre (i) a expressão de uma “denotação indiferenciada” (cf. Müller et al. (2006), para o Karitiana) para número e (in)definitude, onde a distinção entre singular vs. plural, e definido vs. indefinido é simplesmente irrelevante, (ii) uma dependência do contexto situacional no qual o enunciado é proferido e (iii) dependência de contextos sintático-semânticos que forcem uma ou outra interpretação, isto é, singular vs. plural, definida vs. indefinida. Para a expressão de número, conforme exposto, a língua conta ainda com a possibilidade de ocorrência do morfema opcional *-kuera*, que expressa pluralidade e, cuja presença, em princípio, parece ser favorecida em contextos nos quais a distinção singular vs. plural é relevante mas não pode ser depreendida do contexto situacional imediato (cf. Mejia (2017) para

(i) Guajá

a. *Awá-wanihã-kér-a i-mymýr-a 0-pyhý wy*
 Guajá-homem-COL-N R2-filho-N 3-pegar plu
 'Um grupo de Guajá homens pegaram seus filhos.'

b. *Terewé 0-memer-ér-a*
 barata R1-filho-COL-N
 'Um grupo de filhotes de barata.'

(ii) Tapirapé

a. *Koxy-wer-a ke i'ew marāxi-Ø r-e*
 mulher-GRUP-REFER DUB 3.II-gostar melancia-REFER R-POS
 'Parece que as mulheres gostam de melancia.'

b. *Akoma'e-kwer-a a-a i-āpy-wo ka-Ø*
 homem-GRUP-REFER 3.I-ir 3.II-queimar-GER roça-REFER
 'Os homens estão indo para queimar roça.'

⁷ A esse respeito, ver também o trabalho de Doron e Müller (2014), que fornece evidência para uma distinção conceitual entre nomes massivos e contáveis no Karitiana (Tupí-Arikém), expressa sem a intermediação de marcação morfológica. A língua não tem marcação de número nos nomes e nem faz uma distinção formal entre substantivos massivos e contáveis, mas distingue semanticamente nomes que podem ser contados de nomes que não podem ser contados.

uma análise preliminar). Neste trabalho, vamos nos debruçar sobre a estratégia (iii), já que nosso objetivo é verificar a produtividade de *-kuera* em contextos que forcem interpretações ora definidas ora indefinidas. No entanto, vale lembrar que, pelo nosso raciocínio, as três estratégias estão disponíveis aos falantes da língua.

Para a coleta dos dados, contamos com o auxílio de um questionário produzido por Dayal (em preparação), para diagnosticar a (in)definitude em línguas sem artigos.⁸ A segunda autora deste trabalho usou esse questionário como base para eliciar dados da primeira autora, cuja língua materna é o Kaiowá. O problema impulsionador do trabalho é a afirmação, em Carvalho (2017), de que a presença de *-kuera* seria barrada em construções indefinidas. A primeira autora deste trabalho julga gramaticais tais construções; daí, a necessidade de que as noções de número e (in)definitude fossem enfocadas de forma conjunta.

Organizamos este estudo da seguinte forma: na seção 2, demonstramos que o Kaiowá é, de fato, uma língua desprovida de artigos, ainda que apresente outros determinantes, como pronomes demonstrativos e um numeral, *peteĩ* ('um'), que pode — com restrições — fazer as vezes de um artigo indefinido. Na seção 3, apresentamos testes que atestam a produtividade de *-kuera* tanto em contextos definidos quanto em contextos indefinidos, genéricos e com nomes que denotam espécie. A seção 4 levanta uma hipótese preliminar para dar conta da contribuição semântica de *-kuera*, com base na noção semântico-pragmática de implicatura. Por fim, tecemos considerações finais.

⁸ O questionário de Dayal nos auxiliou mais especificamente na coleta dos dados de (5) a (8), (12), (14) e (16). O teste em (13) nos foi sugerido em comunicação pessoal por Gennaro Chierchia.

2 O KAIOWÁ, UMA LÍNGUA DE NOMINAIS NUS

Embora o Kaiowá seja uma língua sem artigos, é, por outro lado, abundante em pronomes demonstrativos.⁹ De acordo com a literatura sobre determinantes, artigos definidos evoluíram diacronicamente a partir de pronomes demonstrativos (cf. LYONS, 1999). Dayal (em preparação), por exemplo, argumenta que quase todas — se não todas — as línguas possuem demonstrativos, embora muitas não apresentem artigos definidos. Vejamos os exemplos a seguir, contendo os demonstrativos proximais *pea* ('este') e *koa* ('esse') e o distal *amoa*:¹⁰

- (4) a. *Che a-hecha pea kuation haypyre yvy-pe.*
 1SG 1-ver este papel.escrito.por.alguém chão-POSP
 'Eu vi este livro no chão.'
- b. *Che a-hecha koa kuation haypyre yvy-pe.*
 1SG 1-ver esse papel.escrito.por.alguém chão-POSP
 'Eu vi esse livro no chão.'
- c. *Che a-hecha amoa kuation haypyre yvy-pe.*
 1SG 1-ver aquele papel.escrito.por.alguém chão-POSP
 'Eu vi aquele livro no chão.'

Sendo assim, para afirmarmos com certeza que o Kaiowá é uma língua sem artigos — definidos ou indefinidos — é preciso provar que os demonstrativos dessa língua não podem funcionar como artigos definidos. O teste em (5) efetivamente demonstra a incompatibilidade semântica entre a palavra *kuarahy* ('sol') e o demonstrativo *koa* ('aquele'):

- (5) a. # *Koa kuarahy hendy verá ko'anga.*
 aquele sol brilhar hoje
 # 'Aquele sol está brilhando hoje.'
- b. Ø *Kuarahy hendy verá ko'anga.*
 sol brilhar hoje
 'O sol está brilhando hoje.'

Esse efeito se dá em razão de o conhecimento de mundo estabelecer que o substantivo *kuarahy* ('sol') se refere a uma entidade única, não podendo, portanto, vir acompanhado por um pronome demonstrativo. A presença de *koa* ('aquele') no exemplo acima

9 Agradecemos a observação feita por um dos pareceristas de que o Kaiowá, portanto, parece possuir uma posição para determinantes. Dessa maneira, a ocorrência de nominais nus não se daria pela indisponibilidade de tal posição.

10 Sabe-se que o falante do português brasileiro está perdendo a intuição que diferencia os demonstrativos *este* e *esse*. No entanto, para fins de glosa, vamos manter a distinção.

estaria necessariamente ativando uma implicatura de anti-unicidade, o que torna semanticamente estranha a construção.

Observa-se, por outro lado, que o numeral *peteĩ* ('um') pode, não raro, exercer a função de artigo indefinido:

- (6) *O-iko va'e-kue Ø / peteĩ kunã hérava Mani.*
 3-existir tempo-PAS um_{INDEF} / um_{NRL} mulher chamado Mani
 'Era uma vez, uma mulher chamada Mani.'

(*Mandi'o oiko hagua* 'A Lenda da Mandioca', Mato Grosso do Sul (2002))

Esse exemplo força uma interpretação indefinida, pois a sentença introduz um novo referente no discurso, isto é, "uma mulher", da qual ouvimos falar pela primeira vez. De acordo com Dayal (em preparação), contextos com contação de histórias são úteis para testar a possibilidade de nominais nus introduzirem novos referentes, já que impedem a possibilidade de haver conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte. Nesse exemplo, notamos que o numeral *peteĩ* ('um') também pode fazer as vezes do artigo indefinido. Como se pode notar pela glosa do exemplo em questão, é justamente o que acontece no português. No caso do Kaiowá, no entanto, há a possibilidade de alternância entre a ausência de artigo e a presença desse numeral.¹¹ Testes com escopo e negação, no entanto, nos revelam que o numeral *peteĩ* não é um indefinido *strictu sensu*:

- (7) a. *Che nd-a-hecha-l Ø kuation haipyre yvy-pe.*
 1SG NEG-1-VER-NEG um_{INDEF} papel.escrito.por.alguém chão-POSP¹²
 'Eu não vi um_{INDEF} livro no chão.'
 'Eu não vi livros no chão.'
 (escopo sob a negação)
- b. *Che nd-a-hecha-i peteĩ kuation haipyre yvy-pe.*
 1SG NEG-1-VER-NEG um_{NRL} papel.escrito.por.alguém chão-POSP
 'Eu não vi um_{NRL} livro no chão.'
 (escopo sobre a negação)

Como se observa, (7a) é compatível com uma situação em que nenhum livro foi visto no chão. A sentença (7b), por outro lado, é compatível com uma situação em que um livro não

11 No capítulo sobre indefinidade do *World Atlas of Language Structures Online* (DRYER, 2013), o mapa que ilustra as propriedades dos artigos indefinidos distingue cinco tipos de línguas: (i) línguas que possuem uma palavra indefinida distinta do numeral correspondente a "um" (102 línguas), como é o caso conhecido do inglês (*a house/one house*); (ii) línguas em que o numeral correspondente a "um" é usado como artigo indefinido (112 línguas), como é o caso conhecido do português, já ilustrado nas glosas; (iii) línguas em que um afixo indefinido pode ser acrescido ao substantivo (24 línguas); línguas que não têm artigo indefinido, mas têm artigo definido (98 línguas) e (iv) línguas que não têm nem artigo indefinido nem artigo definido (198). O Kaiowá não está contemplado no Atlas, mas arriscamos dizer que se enquadraria nesse último grupo, que corresponde à maioria das línguas. O Kamaiurá, outra língua da família Tupí-Guaraní, está ali classificada como pertencente a esse grupo. Ainda não verificamos a que se deve a possibilidade de alternância em questão, nem se ela ocorre em outras línguas dessa família.

12 Neste exemplo, o zero (Ø) está sendo glosado como um_{INDEF} para fins de comparação com o numeral *peteĩ* ('um').

foi visto, mas outros podem ter sido vistos. Outro teste, com genéricos, também revela não estarmos diante de um indefinido de fato:

- (8) a. \emptyset *Vaka o-karu kapi'ire.*
 vaca 3-comer capim
 '(A/uma) vaca come capim.' leitura genérica
 '(As) vacas comem capim.' leitura genérica
 (Mas também 'A vaca come capim' e 'As vacas comem capim', com leituras definidas)
- b. # *Peteĩ vaka o-karu kapi'ire.*
 um_{NRL} vaca 3-comer capim
 # 'Uma_{NRL} vaca come capim.' *leitura genérica

Pelos exemplos acima, nota-se que a versão sem o numeral (8a) é passível de gerar a interpretação genérica, mas naquela em que o numeral está presente, essa leitura é impossível. A sentença (8b) não é estruturalmente ruim, mas teria de se referir a uma situação bem particular, em que, por exemplo, há algumas vacas numa determinada chácara, e que somente uma delas se alimenta de capim. As outras se alimentariam de ração, por exemplo.

Uma vez demonstrado que o Kaiowá é, de fato, uma língua sem artigos, e que o nominal nu é ambíguo, neutro para as distinções definido vs. indefinido e singular vs. plural, passamos à análise de *-kuera*, o morfema opcional de plural na língua.

3 SOBRE A PRODUTIVIDADE DE *-KUERA* E OS CONTEXTOS QUE FORÇAM LEITURAS INDEFINIDAS

O ponto de partida para a nossa análise foi uma tentativa de generalização, em Carvalho (2017), de que *-kuera* somente seria licenciado em contextos definidos (que a autora denomina, a nosso ver inadequadamente, de “não genéricos”). Dentro desse raciocínio, a presença de *-kuera* em contextos semanticamente indefinidos, genéricos e de espécie seria proibida. Carvalho, no entanto, apenas fornece dois exemplos em sua análise.¹³ O primeiro desses exemplos é passível de contestação, e o segundo aparece descontextualizado (CARVALHO, 2017, p. 30):

- (9) a. *Mbowy kunã (*-kuery)¹⁴ o-gwahe*
 quanto mulher (-PL) 3-chegar
 'Quantas mulheres chegaram?'
- b. *Kunatai-kuery o-jahu ysyry-pe*
 menina-PL 3-banhar rio-LOC
 'As meninas estavam tomando banho no rio.'

¹³ Cabe ressaltar que o trabalho de Carvalho não propõe focar especificamente a questão do número no Kaiowá.

¹⁴ Uma das variantes de *-kuera*.

Para a primeira autora deste trabalho, falante nativa do Kaiowá, ao contrário do que afirma Carvalho (2017), sentenças do tipo de (9) são perfeitamente gramaticais (cf. RAMIRES, 2018). De acordo com seu julgamento, portanto, nada impede que *-kuera* ocorra numa construção *Qu-* e, portanto, um contexto não definido, como (9a). E não há um cenário montado para (9b) no texto de Carvalho (2017), então, não sabemos se a construção se refere realmente a um contexto definido, em que falante e interlocutor compartilham informações sobre essas meninas, ou a um contexto indefinido, em que pouco ou nada se sabe sobre tais meninas.

Testes em Ramires (2018) demonstram que a tentativa de generalização de Carvalho (2017) parece não fazer previsões corretas para a língua.¹⁵ O uso de *-kuera*, ainda que opcional, é bastante produtivo, como veremos a seguir. Notamos haver apenas duas restrições para a sua ocorrência: com substantivos que denotam massa (10) e na presença de numerais (11):

(10) *A-hecha heta tuguy(*-kuera) yvy-pe.*
 1-ver muito sangue-PL chão-POSP
 'Eu/nós vi/vimos muito sangue no chão.'

(11) *A-hecha po kunã (*-guera/*-kuera) mbo'eroy-pe.*
 1-ver cinco mulher-PL ensinar-POSP
 'Eu/nós vi/vimos cinco mulheres na escola.'

A primeira restrição claramente nos mostra que *-kuera* é um *locus* para a distinção contável/massivo na língua, já que somente pode ocorrer com nomes contáveis. A segunda restrição, à coocorrência de *-kuera* e numerais, permanece um enigma.

À exceção desses contextos, os testes demonstram que a presença de *-kuera* é atestada em contextos definidos e indefinidos, incluindo construções genéricas e construções com nomes denotando espécie (*kind*).

O primeiro teste diz respeito à introdução de referentes em uma narrativa:

(12) *Heta ro'y mitã (-kuera) o-mano upe oga-pe.*
 muito ano criança-PL 3-morrer aquele casa-POSP
 'Há muitos anos, crianças morreram naquela casa.'

Nada impede que a oração seja traduzida como 'Há muitos anos, as crianças morreram naquela casa', desde que as referidas crianças já tenham sido mencionadas anteriormente no discurso. No entanto, se estivermos considerando a oração em um contexto *out-of-the-blue*, como a sentença inicial de uma narrativa, "crianças" é indefinido, pois sua existência estará sendo mencionada pela primeira vez. Se não for possível ter certeza de que (12) corresponde a um enunciado *out-of-the-blue*, é aconselhável lançar mão de um teste que

¹⁵ Há, porém, que se verificar a possibilidade de haver variação linguística entre falantes de uma e outra aldeia Kaiowá.

não dê margem a dúvidas, como este em (13), que, necessariamente, corresponde a um contexto que *introduz* uma narrativa:

- (13) *Che a-ha peteĩ/Ø vy'aha-pe,*
 1SG 1-ir um_{NRL}/um_{INDEF} festa-POSP
 'Eu fui a uma/à festa, ...'

ha upe-pe a-hecha hente (-kuera) ñambu'éva tekoha-pe-gua-kuera.
 e aquele-POS 1-ver pessoa-PL diferente lugar.para.viver-POSP-CIRC-PL
 '... e lá eu vi pessoas de diferentes aldeias.'

Nesse exemplo, mesmo que haja conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte e a narrativa comece por "Eu fui à festa, ..." (uma festa da qual ambos tinham conhecimento), não haverá a possibilidade de traduzir essa primeira menção a *hente-kuera* como 'as pessoas'.

Segundo Dayal (em preparação), contextos com escopo diferenciado também são eficazes diagnósticos de indefinidade:

- (14) a. *Che sy o-pyta o-juka anguja (-kwera) o-joapygueri*
 1SG mãe 3-ficar 3-matar rato-PL 3-um.após.o.outro
upe araroype.
 aquele inverno
 'Minha mãe ficou matando ratos um após o outro naquele inverno.'

- b. # *Che sy o-pyta o-juka peteiva anguja (-kwera) o-joapygueri*
 1SG mãe 3-ficar 3-matar algum rato-PL 3-um.após.o.outro
upe araroype.
 aquele inverno
 #'Minha mãe ficou matando alguns ratos um após o outro naquele inverno.'

A sentença (14b) ilustra o fato de pronomes indefinidos do tipo de *algum* não poderem ficar sob o escopo de certos operadores aspectuais/adverbiais (como *ojoapygueri* ('em sequência', 'um após o outro')), especialmente em sentenças contendo verbos de criação ou destruição. Nesse caso, somente a sentença (14a), genuinamente indefinida, contendo o plural nu, ao qual há a possibilidade de acrescentar *-kuera*, é aceitável.

Por fim, nos exemplos que se seguem, ilustramos a possibilidade de ocorrência de *-kuera* em contextos genéricos e de referência a espécie, respectivamente, que também se inserem no rótulo “contextos não definidos”:

(15) *Mitã kunã(-kuera/-guera) o-kaguaha pyahe mitã kuimba'e(-kuera) gui.*
 criança mulher-PL 3-crescer rápido criança homem-PL comp
 'Menina(s) cresce(m) mais rápido que menino(s).'

(16) *Kaguare(-kuera) ha'e(-kuera) mymba o-pa-tama.*
 Tamanduá-PL 3-PL animal 3-TOTAL-acabar
 'Tamanduás estão extintos.'
 'O tamanduá é um animal extinto.'

Em resumo, com esses testes, procuramos mostrar que o morfema opcional de número *-kuera* é amplamente produtivo no Kaiowá. Portanto, uma análise que restrinja sua ocorrência a contextos definidos não faz previsões corretas para a língua.

4 A NATUREZA SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA DE *-KUERA*: ANÁLISE INFORMAL PRELIMINAR

Como vimos, por um lado, *-kuera* é um morfema opcional de número cuja ausência não necessariamente expressa singularidade; por outro, a forma básica, não flexionada do nome também é capaz de expressar pluralidade. Sendo assim, a real contribuição semântica de *-kuera* constitui um enigma interessante que, estranhamente, ainda não recebeu a devida atenção por parte dos pesquisadores dessa e de outras línguas que se comportam de forma semelhante. Do ponto de vista semântico, acreditamos que a tentativa de generalização que mais se aproxime dos fatos do Kaiowá seja aquela fornecida por Viegas (2017), de que se trata de um elemento opcional cuja função seria a de enfatizar a ideia de pluralidade nas situações em que ocorre. A autora, entretanto, apresenta essa análise de maneira superficial. E o que significa “enfatizar”, aqui, por exemplo? Isso tampouco fica claro.

Com base na observação de nossos próprios dados, a nossa interpretação para o raciocínio da autora é o de que estamos lidando com um elemento desambiguador, que é usualmente realizado quando não há outros termos na sentença ou no contexto situacional gerando leituras do tipo “mais de um X” ou “pelo menos dois X”, e esse tipo de informação, por alguma razão, é crucial ou pelo menos relevante, fato que forçaria o falante a optar por marcar o nome com *-kuera*. Assim, mantemos a nossa assunção de que a forma básica, não flexionada do nome é subespecificada (i.e. “neutra”, “ambígua”, conforme já havíamos defendido) para número, mas, dentro de um raciocínio universalista, procuramos estender essa análise propondo que a distinção singular/plural está, de fato, ativa na gramática da língua. Em outras palavras, se o falante escolhe a forma não flexionada, isso implica que ou (i) a informação de número é irrelevante ou (ii) pode ser depreendida do contexto, mas, se ele escolher a forma acrescida de *-kuera*, isso

mostra que a distinção de número é relevante. Um ponto de partida para uma explicação plausível é o raciocínio neo-griceano de Spector de que:¹⁶

*[a] speaker might prefer a given sentence A over another one B that is equivalent to A, because she is aware that B leads to pragmatic inferences that she is not ready to endorse. [Inversely,] the hearer can actually reflect on the speaker's choice of A over B, and conclude that the speaker does not believe the implicatures of B to be true.*¹⁷ (SPECTOR, 2007, p. 246)

Com base nessa afirmação, nossa hipótese para o Kaiowá é a de que a escolha do falante pela forma marcada por *-kuera* em detrimento de uma não marcada e vice-versa deve estar calcada no fato de ele não querer se comprometer com informação que não está preparado para endossar. Nossa hipótese, no entanto, ainda precisa ser verificada e, posteriormente, formalizada, o que deve constituir agenda para trabalhos futuros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho consistiu de uma análise preliminar da expressão de número e da (in)definitude no Kaiowá, uma língua indígena brasileira de nominais nus. Mais precisamente, buscamos demonstrar a inadequação de uma generalização sobre o pluralizador/coletivizador opcional *-kuera* segundo a qual a sua ocorrência seria bloqueada em contextos não definidos. Ao todo, contabilizamos dois enigmas semântico-pragmáticos que, por ora, deixaremos sem solução: (i) se *-kuera* deve ser analisado como um morfema de *plural* ou um morfema *coletivizador* e (ii) em que contextos sua presença é acionada, já que se trata de um morfema opcional — sendo que o rótulo “opcional” parece ser o único ponto pacífico a seu respeito na literatura. Para o segundo enigma, apresentamos uma hipótese preliminar, baseada na noção de implicatura, que ainda necessita de aprofundamento e formalização.

16 H. Paul Grice (1913-1988), filósofo da linguagem, introdutor das Máximas Conversacionais, posteriormente conhecidas como Máximas de Grice (Quantidade, Qualidade, Relação ou Relevância, Maneira) (cf. GRICE, 1975, p. 45-46).

17 “[Um] falante pode preferir uma dada sentença A a outra sentença B que é equivalente a A, por estar ciente de que B leva a inferências pragmáticas que ele não está preparado para endossar. [Inversamente,] o ouvinte pode na verdade refletir acerca da escolha de A em detrimento de B, por parte do falante, e concluir que o este não acredita que as implicaturas de B sejam verdadeiras” (tradução nossa).

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, V. *Aspectos Morfossintáticos da Língua Kaiowá (Guarani)*. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- CARVALHO, R. *Análise Morfológica da Língua Kaiowá: fundamentos para uma gramática e dicionário bilíngue*. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- CHOMSKY, N. Beyond Explanatory Adequacy. In: BELLETTI, A. (ed.). *The cartography of syntactic structures: Structures and beyond 3*. Oxford: Oxford University Press, 2004 [2001]. p. 104-131.
- CYRINO, S.; ESPINAL, M. T. Bare nominals in Brazilian Portuguese: more on the DP/NP analysis. *Natural Language and Linguistic Theory* 33, v. 2, 2015, p. 471-521.
- DAYAL, V. Number marking and (in)definiteness in kind terms. *Linguistics and Philosophy* 27, 2004, p. 393-450.
- DAYAL, V. Identifying (in)definiteness: A questionnaire. In: DAYAL, V. (org.). *The open handbook of (in)definiteness: A hitchhiker's guide to interpreting bare arguments*. Em preparação.
- DIETRICH, W. *La función del sufijo Guaraní -kue/-(n)gue*. 2011. Disponível em: www.researchgate.net/publication/309761428. Acesso em: 15 jun. 2019.
- DORON, E.; MÜLLER, A. The cognitive basis of mass-count distinction: evidence from bare nouns. In: CABREDO HOFHERR, P.; ZRIBI-HERTZ, A. (ed.). *Syntax & Semantics, crosslinguistic studies on noun phrase structure and reference*. Brill Online, 2014, p. 73-101.
- DRYER, M. S. Indefinite articles. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (ed.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/38>. Acesso em: 24 abr. 2020.
- FERREIRA, M. B. Bare nominals in Brazilian Portuguese. In: CABREDO HOFHERR, P.; DOETJES, J. (ed.). *Oxford Handbook of Grammatical Number*. No prelo.
- GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (ed.). *Syntax and Semantics 3: speech acts*. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58.
- LYONS, C. *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- MAGALHÃES, M. *Sobre a morfologia e a sintaxe da língua Guajá*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- MAGALHÃES, M.; SILVA, L. (ed.). Dossiê "Partículas". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, Belém, v. 14, n. 3, set./dez., 2019.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria Estadual de Educação (SED/MS). *Ñe'e Poty Kuemi: mbo'éhára kuera Kaiowá ha Guarani – Projeto Ára Verá* ('espaço-tempo iluminado'). Campo Grande: Agiosul, 2002.

MEJIA, B. F. *Verbos em Kaiowá: uma descrição morfológica*. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS, 2017.

MÜLLER, A. Nomes nus e o parâmetro nominal no português brasileiro. *Revista Letras* 58, 2002, p. 325-333.

MÜLLER, A.; OLIVEIRA, F. Bare nominals and number in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 3, n. 1, 2004, p. 9-36.

MÜLLER, A.; STORTO, L.; COUTINHO-SILVA, T. Número e a distinção contável-massivo em Karitiana. *Revista da ABRALIN*, v. 5, n. 1 e 2, 2006, p. 185-213.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; ROTHSTEIN, S. Bare singular noun phrases are mass in Brazilian Portuguese. *Lingua* 121, 2011, p. 2153-2175.

PRAÇA, W. N. *Morfossintaxe da língua Tapirapé*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

RAMIRES, D. *Sintagmas nominais no Kaiowá: expressão de número e (in)definitude*. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

RODRIGUES, A. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1985.

SPECTOR, B. Aspects of the pragmatics of plural morphology: on higher-order implicatures. In: SAUERLAND, U.; STATEVA, P. (ed.). *Presupposition and Implicature in Compositional Semantics*, UK: Palgrave Macmillan, 2007. p. 243-281.

VIEGAS, L. *Nomes e predicados nominais em Kaiowá*. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS, 2017.

VON FINTEL, K.; MATTHEWSON, L. Universals in semantics. *The Linguistic Review* 25, 2008, p. 139-201.

Squib recebido em 30 de setembro de 2019.

Squib aceito em 23 de abril de 2020.